

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Sanjuário da Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



O CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA E OS ARCEBISPOS E BISPOS DE PORTUGAL

Ao Reverendo Clero e aos Fiéis seus Diocesanos, saúde, Paz e Bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na hora triste que passa, tão impregnada de amarguras, assinalada por tantas calamidades, nós os Prelados portugueses, sentindo muito embora a angústia da dor que tortura o mundo, vimos convidar os nossos caríssimos diocesanos a regozijarem-se connosco e a elevarem até ao Céu um sentido e jubiloso cântico de acção de graças. Não se trata porém de uma alegria ruidosa, que possa parecer como um sarcasmo atirado à face dos nossos irmãos, que gemem na amargura e vertem lágrimas de sangue: isso seria uma ale-

gria deshumana, uma espécie de insulto à desdita alheia.

Queremos sim, caríssimos filhos em Nosso Senhor Jesus Cristo, que vos alegreis, mas com uma alegria íntima e santa, inspirada em motivos sobrenaturais, que seja como o vibrar grato das vossas almas a cantar ao mesmo tempo o seu reconhecimento para com Deus e a sua compaixão bem sentida para com as vítimas do imane flagelo que pesa sobre o mundo.

Queremos repetir-vos a palavra vigorosa e ardente que S. Paulo dirigia aos fiéis do seu tempo, a esses cristãos que penavam nas masmorras e no exílio e sofriam toda a casta de perseguições: «*Gaudete in Domino semper... gaudete* — alegrai-vos sempre no Senhor... alegrai-vos». (Eph. IV, 4).

E a razão o Apóstolo a aduzia imediatamente: é que «o Senhor está perto de nós». A mesma razão vos apresentamos hoje: o

BODAS DE PRATA

das Aparições da Fátima e da Sagração Episcopal do Santo Padre Pio XII

Pastoral colectiva do Episcopado Português

Senhor está perto de nós, porque como em Caná, está perto de nós sua Mãe Santíssima. Sim, a voz do Evangelho e a voz dos séculos atestam que, onde a Mãe de Deus aparece ou manifesta por qualquer maneira a sua presença, aí se faz sentir impreteavelmente a presença benéfica e salutar de Jesus, que na ternura e na veemência do seu amor filial não quer afastar-se daquela que para ele viveu, com ele sofreu, e com o Pai eterno compartilhou a honra única e inefável de lhe poder chamar seu filho.

Já na Pastoral colectiva de há dois anos tivemos ensejo de vos recordar quanto a nossa Pátria, denominada desde o seu princípio terra de Santa Maria, deve à Mãe de Deus, que carinhosa e vigilante tem acompanhado todos os seus passos através dos tempos e por um verdadeiro milagre de amor a tem conservado incólume como frágil baixel miraculosamente salvo de tempestades e perigos que se diriam invencíveis. Hoje vimos recordar-vos ainda esta dívida de gratidão para com a nossa gloriosa Padroeira a qual nesta paz que desfrutamos, verdadeiro milagre que espanta o mundo, nos dá mais um testemunho e um penhor do seu alto patrocínio.

No meio da desorientação e da apatia dos portugueses, a sua Padroeira não os esquece

Rainha que em excelso trono reina, e Mãe cujo coração vibra da mais delicada ternura, ela tem para connosco tais extremos de bondade, que a alma portuguesa não pode deixar de se enternecer e de murmurar a seus pés uma prece de amor e de confiança. Sentimos bem que esta sentinela amorosa está velando por nós, e como que vemos fixos sobre nós seus meigos olhares numa expressão indizível de solicitude e de maternal afecto. A experiência do passado é garantia certa da sua protecção e faz-nos sentir e compreender que a ela devemos o bem que estamos gozando.

Mas não é só a experiência do passado, não é só a voz dos nossos santos, dos nossos guerreiros e dos nossos navegadores que nos mostra eloquente e irrefragavelmente a quem devemos tantos benefícios; um facto recente anda veio demonstrar-nos com evidência meridiana que, se os portugueses em hora aziaga e infeliz puderam esquecer o que devem à sua Padroeira e o que dela têm a es-

perar, a Padroeira querida não esquece nunca o seu padroado nem os seus protegidos. Queremos referir-nos às aparições de Fátima, à visita tão inesperada como penhorante que a Rainha do Céu quis fazer à terra portuguesa, ao seu antigo feudo, que a impiedade assolava e que parecia condenado à ruína pela apostasia das suas antigas crenças, pelo esquecimento das suas mais nobres tradições.

Corria o ano de 1917: Portugal estava em plena fase de perseguição religiosa, uma lei descaçoável esbulhara a Igreja do seu modesto pecúlio, património dos pobres, proibira o culto público, proscrevera como um crime o ensino religioso, e pusera fora do direito comum, como párias, os ministros do altar; as ordens religiosas haviam sido espoliadas e bárbaramente expulsas do país; o nome de Deus fora banido da vida pública, riscado dos códigos; muitos templos estavam encerrados ou profanados, e não faltavam vozes agourentas a predizer a extinção da Religião Católica em Portugal. Os Prelados eram desterrados das suas dioceses, e mais de um expiou na prisão o grande crime de ter usado da liberdade, que a lei dizia garantir a todos, para proclamar alto os direitos de Deus a da consciência cristã. Numerosos sacerdotes conheceram também as inclemências da expulsão e tiveram de comer o pão amargo do exílio. É certo que a fé não morrera; antes, a perseguição fez avivar em muitas almas o vigor das crenças, que souberam afirmar-se até ao sacrifício heróico; mas é também tristemente certo que muitas defeições vieram amargurar a Igreja, que a mocidade estava em risco de se perder pelo ambiente de impiedade que se respirava nas escolas, e que as peias traçoairamente lançadas ao apostolado hierárquico constituam embaraço gravíssimo à evangelização do povo; e à face do mundo Portugal passava como um país oficialmente ateu e anti-cristão. Nunca sobre a nação portuguesa caíra opróbrio tamanho.

Entretanto um guerra sem precedentes na extensão e no poder de extermínio assolava a Europa e fazia sentir ao longe as suas sinistras repercussões; e Portugal via-se envolvido nesse conflito monstruoso e a gente lusitana regava com o seu sangue as plagas da Flandres e da África.

Tal era o escuro quadro da vida portuguesa no seu âmbito nacional e na sua situação internacional.

Que era feito das glórias antigas? Onde estava Afonso Henri-

ques? onde S. Teotónio? onde Nuno Alvares? onde o Mestre de Avis? onde Afonso de Albuquerque? onde Santo António? Que era feito daquele Portugal que ergueu o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro dos Jerónimos, os padres de além mar? Onde parava aquela geração forte que numa hora de crise aclamou por Padroeira a Senhora da Conceição e por ela restaurou a independência da Pátria? Onde a Cruz de Cristo que a sangrar no velame das caravelas anunciava ao mundo inteiro a fé viva e enérgica dos portugueses? Dir-se-ia que sobre todas estas recordações luminosas passara um véu escuro, prenúncio da lousa fúnebre que iria cobrir para sempre os restos desacreditados dum povo que fora grande.

Numa hora de desolação a Mãe de Deus visita a terra portuguesa

Precisamente nesse ano de 1917 — vai fazer vinte e cinco anos em 13 de Maio do ano corrente — um facto estranho e insólito surgiu, como um despoitar de claridade benfazeja e acariciadora, nesta «ocidental praia lusitana», longe do teatro da guerra, em sitio obscuro e ignorado. Num recanto agreste da serra de Aire, na freguesia de Fátima, em terras do condado de Ourém, de que D. Nuno fôra o titular, uma celeste visão se manifestou a três pobres pastores que ali apascentavam os seus rebanhos e que na sua devoção ingénua rezavam o terço. Uma Senhora de inefável beleza e insinuante candura, vestida de branco e com o rosário pendente das mãos, falava às pobres crianças, ensinava-as a rezar, sorria-lhes com doçura e convidava-as a voltar ali durante seis meses seguidos.

Correu célere pelo país a notícia do estranho facto, que em geral não foi acreditado; e, se para uns não passava de ilusão daquelas mentes infantis, para outros era motivo de acerbas críticas e de enraivecidas apostrofes. Começava cedo uma luta surda que havia de transformar-se em odisséia clamorosa, e pelas vias secretas da Providência ia-se abrindo o caminho para grandes e extraordinários acontecimentos.

Não é de admirar a dúvida ou mesmo a incredulidade com que crentes e descrentes acolheram as primeiras narrativas do que se dizia acontecer em Fátima: tratava-se de coisas extraordinárias e é de boa prudência não

A peregrinação de Março, 13

A chuva que, no dia 13 de Março findo, logo de manhã, começou a açoitá-lo planalto da Serra de Aire, onde se aninha, como oásis em pleno deserto, o local abençoado das celestes aparições da Santíssima Virgem, foi engrossando gradualmente, a ponto de cair com abundância, sobretudo até ao meio-dia. Só cessou, durante algum tempo à tarde, depois das 15 horas.

Por esse motivo, não se realizaram as duas procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, efectuando-se os outros actos religiosos do costume na igreja das confissões. Esta regorgitava de fiéis. Muitas pessoas que não cabiam no recinto do templo assistiram às cerimónias fora dele no pavilhão dos doentes.

A hora habitual, rezado o terço do Rosário, celebrou a Missa dos doentes o rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria, que, no fim, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos nove enfermos inscritos e a toda a multidão.

Ao Evangelho, pregou Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom Manuel Maria Ferreira da Silva, Bispo Titular de Gurza e Superior Geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.

Como, terminado o santo sacrificio, houvesse ainda numerosos peregrinos que desejavam preparar-se para receber a Sagrada Comunhão, os sacerdotes presentes, incluindo o venerando Senhor Bispo de Gurza, continuaram o serviço de confissões durante algumas horas.

Portugal inteiro está-se preparando para celebrar com ardente devoção filial e com a maior sollemnidade possível as bodas de prata das aparições de Nossa Senhora da Fátima.

É dever rigoroso de cada um de nós, habitantes da mimosa Terra de Santa Maria, contribuir, no limite das suas forças, para que essa comemoração nacional revista, como é justo, as proporções duma verdadeira apoteose.

É dever de reconhecimento. Graças à gloriosa Padroeira, o nosso país, que ela livrou de tantos perigos e amparou em tantas conjunturas dolorosas, tem gozado de tranquilidade e de paz e ao mesmo tempo de invejável situação económica no mundo de hoje inundado de lágrimas, de sangue, de mortes e de toda a sorte de ruínas.

É dever de justiça. Quasi todos os católicos portugueses receberam da Virgem da Fátima, para si ou para pessoas de suas famílias, favores espirituais ou temporais, implorados em horas de angústia. Injustiça seria não aproveitar o ensejo para saldar as dívidas contraídas para com ela.

É dever de piedade filial. Maria Santíssima é Mãe de Deus e Mãe nossa. E, se é Mãe de todos os cristãos, mais ainda

de todos os homens, que a todos em verdade adoptou por filhos no cimo do Calvário em cumprimento do piedoso legado de Jesus, e, de modo especial, Mãe dos portugueses pelos testemunhos do seu carinho maternal para com eles — testemunhos de que está cheia a história pátria e dos quais o último e o mais portentoso é o divino poema das suas aparições, há vinte e cinco anos, na Cova da Iria com todo esse caudal de graças e de bênçãos que tem inundado Portugal de lés a lés.

Portugueses — católicos e patriotas — à Fátima todos, no ano jubilar das aparições de Nossa Senhora!

Deus o queire!
Visconde de Montelo

Edições «Juventude»

Inquietação e Presença
pelo P.º Moreira das Neves
No 1.º mês venderam-se cerca de 1.000 exemplares.
Pelo correio ... 10\$00

Os Três Verbos da Vida
pelo P.º João Mendes
Premiado pelo Secretariado da Propaganda Nacional.
Pelo correio ... 3\$00

Pagamento adiantado
Pedidos à Gráfica — LEIRIA
Para conhecer o movimento da Fátima

compre e leia:
Fátima em 65 vistas
delicioso álbum em que através de 65 gravuras passa toda a vida da Fátima.
Preço pelo correio ... 3\$50

Manual do Peregrino da Fátima
o mais completo devocionário da Fátima enriquecido com um riquíssimo suplemento de música e todos os hinos da Acção Católica — 4.ª edição.
Pelo correio ... 4\$00

Fátima
Oratória de Ruy Coelho e Afonso Lopes Vieira. Letra e música.
Pelo correio ... 20\$00

Palavras dum médico
pelo Ex.º sr. dr. J. A. Pires de Lima em que se enfeixa a primeira série de encantadoras crónicas pelo autor, publicadas na «Voz da Fátima».
Pelo correio ... 5\$00

Estampas de Nossa Senhora para emoldurar ... 5\$00 e 2\$50

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica
pelo Rev. dr. Luís Fischer
Pelo correio ... 5\$70

Fátima, a Lourdes Portuguesa
pelo mesmo autor.
Pelo correio ... 5\$70

Pedidos acompanhados da importância ao Santuário — Cova da Iria — à Gráfica — Leiria

acreditar precipitadamente em visões ou profecias, que sobretudo em tempo de calamidades públicas, a imaginação popular facilmente idealiza ou avoluma. O que impressiona é o furor com que a impiedade começou desde logo a atacar os pequeninos videntes e os factos por eles narrados; e foi até esta injustificada explosão de hostilidade que induziu muita gente a encarar a sério o caso e a examinar escrupulosamente os motivos que porventura poderiam abonar a sua autenticidade.

Não é nosso intuito neste momento historiar as peripécias que se desenrolaram na sequência das aparições; o país inteiro conhece esta história, que há muito galgou as fronteiras e bem pode dizer-se que teve retumbância no mundo inteiro. Não faltou o selo da perseguição, cunho incontestável das obras de Deus, e pode dizer-se que todas as forças se conjugaram para abafar o movimento que se esboçava, para tirar todo o crédito às narrativas ingenuas das crianças, para desprestigiar o carácter sobrenatural dos factos; e até os poderes públicos intervieram para impedir e suprimir mesmo tudo o que pudesse representar um reconhecimento ou uma consagração das aparições celestes.

Na imprensa e em várias tribunas eram frequentes os improperios, e não faltou mesmo o aparato bélico, verdadeiramente inútil, contra um movimento que nada tinha de belicoso e era o mais ordeiro e pacífico possível. Mas tudo isto era necessário para que todos vissem que os poderes humanos eram impotentes contra o poder do alto, que tão modesta, mas tão imperiosamente, se manifestava.

Assim ninguém poderá dizer que a expansão e o prestígio das aparições de Fátima se deve à influência dos homens. Nem sequer a Igreja, que em assuntos desta ordem mantém sempre a mais prudente reserva, apareceu a secundar o movimento que se esboçava; e só muito tarde, quando estavam esgotadas as munições do arsenal sectário, quando pela inanidade das violências perseguidoras estava demonstrado que havia no fundo dos acontecimentos algo mais que humano, é que a Igreja interveio.

Na Cúria de Leiria organizou-se rigoroso processo, foram ouvidas numerosas testemunhas, deu-se ampla liberdade à discussão, examinaram-se cuidadosamente as razões pró e contra, estudou-se a fundo a questão, fez-se o que humanamente era possível para apurar a ver-

dade. Não houve pressas nem precipitações; duraram oito anos estas diligências; mas enfim o processo concluiu-se, e em 1930 o Prelado de Leiria proferiu a sentença, na qual determinava:

1.º Declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima..., nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917;

2.º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora da Fátima.

Transformação consoladora: Portugal ressurgiu do seu abatimento

Esta na sua singeleza a história das aparições de Fátima; a repercussão que elas tiveram e têm na vida nacional escusamos de a encarecer; vós todos a conheceis suficientemente, e o desenrolar dos acontecimentos que neste quarto de século, a partir do já hoje tão célebre dia 13 de Maio de 1917, até agora se têm sucedido, é uma prova exuberante e esplendorosa de que um espírito novo perpassa na alma portuguesa e de que um astro benfazejo vem espargindo sobre nós a sua claridade vivificante e renovadora. Quem conheceu as ruínas do primeiro quartel deste século, quem viu atirar ao edifício sagrado das crenças antigas o camartelo demolidor, quem ouviu os gemidos dos proscritos e sentiu ao vivo a desolação que pairava na casa de Deus, e vê agora como das ruínas se vão erguendo arrojadas construções, quem vê de novo entrar na escola o nome de Deus, quem vê restabelecidas as relações normais com a Santa Sé e assente o estatuto jurídico da Igreja, numa ordem nova que não afronta ninguém, mas faz justiça às tradições cristãs de Portugal, quem vê o desenvolvimento, que bem podemos chamar ressurreição, das missões católicas nas colónias e no Padroado, não pode deixar de sentir uma funda impressão de surpresa e de exclamation *«digitus Dei est hic — aqui está o dedo de Deus»*. Sim, passou sobre nós a mão de Deus, e passou sobre nós, porque passou no meio de nós a Mãe de Deus. E, se levantamos os olhos do passado doloroso que acabamos de evocar e os fixamos no presente, contemplando o panorama internacional, a nossa surpresa sobe de ponto. Uma trágica cinta de fogo e de sangue envolve o mundo; as nações do velho e do novo continente estremecem batidas pela catapulta da guerra; no ar, em terra, no mar, cruzam-se instrumentos de destruição e travam-se mortíferas batalhas; os grande colossos sentem-se abalados no seu poderio, a morte ceifa vítimas em todos os campos, reina a desolação e a miséria em países ainda ontem prósperos e poderosos; e no meio desta convulsão universal, deste tremendo naufrágio do mundo que se dizia civilizado e progressivo, a pequenina nau portuguesa continua a singrar serena e confiante, como se o bulcão destruidor se não tivesse desencadeado e não açoitasse impiedosamente todos os mares. Como explicar tão grande portento?

Seria injustiça desconhecer a acção vigilante e patriótica dos nossos governantes, bem dignos da gratidão do país pela prudência e pelo zelo com que procuram manter-nos afastados da guerra; mas a situação é tão

delicada, tão imprevisas as complicações, tão enevoado o horizonte diplomático, que sem um auxílio especial do céu baldados seriam todos os esforços. É grande demais a precela para que forças humanas a possam debelar. Bendizendo pois as canseiras daqueles que devotadamente velam pelo bem público, temos que buscar mais alto o segrêdo da bênção misteriosa que as valoriza e lhes garante a eficácia.

Haverá algum português com fé, que não reconheça na nossa situação privilegiada um re-verbore daquela luz que a Santíssima Virgem veio trazer a Fátima, que fez incidir na alma dos pastorinhos e por eles sobre o mundo? Não é necessário ter fé; basta contemplar o que em tudo isto há de extraordinário, para sentir e reconhecer que um poder mais alto se levanta e que um coração terno e misericordioso vela amorosamente por Portugal.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

AVISO IMPORTANTE

A maior parte dos assinantes da «Voz da Fátima» não têm pago a importância das suas assinaturas. Várias pessoas se têm dirigido a esta administração pedindo para lhes ser feita a cobrança. Ora, como já tem vindo declarado na «Voz da Fátima», nós não fazemos, nem nunca fizemos, tal cobrança, esperando que os estimados assinantes do jornalzinho de Nossa Senhora, espontaneamente nos enviem, de qualquer forma, a importância das suas assinaturas cujo mínimo são 10\$00 anuais para Portugal e 15\$00 para o estrangeiro.

Querendo, pois, ter a bondade de enviar as respectivas importâncias, era favor mandá-las directamente para a Administração da «Voz da Fátima» COVA DA IRIA.

Os vales do correio devem vir para serem cobrados na COVA DA IRIA, e não em Leiria ou Ourém.



O ECZEMA QUE NOS ENLOUQUECE

Se vós já tendes feito tudo, sem poder curar este Eczema tenaz, ou estas úlceras roedoras, segui o exemplo de milhares de antigos mártires, para os quais o remédio D. D. D. levou a alegria e a felicidade. A fórmula do D. D. D., altamente científica, permite a este líquido fino antiseptico, emolliente e cicatrizante penetrar nos poros até a raiz de todas as doenças da pele. Sob a pele o microbio é atingido e morto. Desde a primeira aplicação, o prurido desaparece e a comichão cessa. Dentro de poucos dias uma pele nova se forma: sã, lisa e branca.

Auxilia o tratamento empregando diariamente na vossa toilette o célebre sabonete D. D. D.
A venda nas farmácias e drogarias.
Depósitos
PORTO — R. Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141.
LISBOA — R. dos Sapateiros, 39, 1.º — Telef. 22486.

A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus feitos; entorses, torcicolos, cainbras e frieiras; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incómodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção. **FRILAX** não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, **FRILAX** é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incómodos e insupportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias
Tubo 8 s 50 — Bolião 13 s 50

Agente: José Bento Costa, Lda.
Rua do Arco da Bandeira, 136, 1.º LISBOA

LEITE MATERNO

Não há nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Frasco, 20 s 00 Nas boas Farmácias

GRAÇAS de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Alice Namorado Riques de Loureiro Bizarro, Aviz, escreve: «No dia 30 de Novembro do ano findo, vi-me às portas da morte. Ouvi meu médico dizer à enfermeira: «Está com 160 pulsações; vai-se embora num momento». Se bem que reconhecesse a gravidade do meu estado, estas palavras vieram-me tirar toda a esperança que ainda pudesse ter na medicina, e volvi o pensamento para Deus, o Juiz Supremo que, dentro em pouco, me iria julgar. Entreguei-me resignada nas suas mãos; imploréi a sua misericórdia para a minha pobre alma e, mentalmente, comecei a rezar a confissão, não acabando por mo não permitir o estado de fraqueza. Embora me resignasse com a vontade de Deus, não desejava ainda morrer. Ante meus olhos, amorticados já, vi perpassar os entes queridos que ia deixar e, no meio deles, uma criança de poucas horas que, dentro em pouco, iria ficar sem mãe. Agarrei-me à vida. Beijei o Crucifixo e, com o pensamento na Fátima, roguei à Mãe Santíssima me alcançasse a minha cura e fiz a promessa de ir à Fátima agradecer-lhe antes de voltar para a minha casa no Torrão. Acto contínuo, senti reanimar-me. Nossa Senhora tinha ouvido a minha súplica. No dia 30 de Dezembro, já completamente restabelecida fui à Fátima como tinha prometido agradecer a Nossa Senhora».

D. Maria Adelaide Gomes Pelote, de Casével-de-Santarém, diz que, tendo-lhe sobrevindo uma infecção após um parto, o seu estado era realmente alarmante. Conferências médicas, tratamentos muito dolorosos a nada parecia ceder o terrível mal. Recebeu os últimos sacramentos, fez as suas disposições cheia da maior amargura pensando nos seus cinco filhinhos que iriam ficar na orfanidade. Entretanto, não perdeu as esperanças. Recorreu fervorosamente ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uso da gua da Cova-de-Iria. Foi ouvida a sua prece. Decorridos 50 dias já ela pôde tomar conta da direcção do seu lar. Como reconhecimento, entrou para a Pia União dos Cruzados de Fátima, e vem tornar pública a graça recebida para *«inspirar a todas as almas atribuladas, confiança absoluta (desde que se deseja ser apóstola) nos doces Corações de Jesus e de Maria».*

D. Maria Clementina da Silva Carvalho Santos, de Lisboa, diz que, há cerca de dez anos foi operada no nariz. Não lhe permitindo a idade uma operação radical, disse-lhe o distinto ciliario de Lisboa, dr. Alberto de Mendonça, que teria de ser operada mais vezes. Recorreu porém a Nossa Senhora da Fátima e desde então quando sente qualquer ameaça do antigo mal, usa água do Santuário da Fátima, ficando completamente boa, graças à Virgem Santíssima.

D. Silvina de Jesus Rodrigues, de Freixiello de Soutelo, tendo por uma grave doença consultado vários médicos, sem alcançar melhoras algumas, recorreu, com sua mãe D. Mariana Alves, a Nossa Senhora da Fátima e ficou curada. Vem por isso tornar público o seu reconhecimento à Santíssima Virgem por tão singular graça que lhes alcançou.

D. Maria Teixeira, de Friande, diz: «Tendo um sobrinho muito doente e tendo lido na «Voz da Fátima» muitas graças alcançadas por mediação de Nossa Senhora, a ela recorri, pedindo-lhe a saúde para aquele que amo como filho. Prometi fazer uma

novena de comunhões, outra de terços e outra de missas e publicar na «Voz da Fátima» mais esta graça, caso fosse atendida. Nossa Senhora da Fátima ouviu a minha prece. Manuel Nunes, da Cumeada, Sertão, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima as melhoras de sua vizinha Joana Nunes, que se encontrava desenganada dos médicos. Deixava cinco criancinhas na orfanidade. Recorreu à Santíssima Virgem, com grande fé, pedindo-lhe mais alguns anos de vida para aquela mulher, afim de que ela pudesse criar os seus filhos. Decorridos poucos dias principiou a melhorar e ficou perfeitamente bem.

NOS AÇORES

D. Maria Leontina Bettencourt, do Norte-Pequeno, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua mãe que, tendo-se escaldado numa perna com água a ferver, ficou com aquele membro todo em carne viva. Recorrendo a Nossa Senhora naquela grande aflição, obteve o que pedia.

D. Esméria dos Santos Amaral, de Lomba-do-Botão, diz que, tendo seu pai sido acometido duma grave doença e recendo de momento a momenta ficar na orfanidade com os seus nove irmãos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima; indo à farmácia buscar os medicamentos para o doente, entrou numa igreja com esses medicamentos a pedir à Senhora da Fátima que os abençoasse para terem a virtude de curar o seu doente querido. Nossa Senhora atendeu a sua prece humilde, mas cheia de confiança. Cheia de reconhecimento vem tornar pública a graça obtida.

D. Rosa da Conceição Oliveira, do Pico, diz que, na manhã do dia de Natal de 1937, uma sua afilhada Maria Olivia da Terra Oliveira, de nove anos, apareceu com dores no pescoço, e tão fortes que não se podia mover, nem alimentar-se, nem dormir. Começou a cabeça a inchar. No dia 30 chamaram o médico que diz ser necessária uma operação. A madrinha recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe se compadecesse daquela inocente criança, cheia de tantas dores. Prometeu fazer-lhe a novena e dar publicidade à graça obtida. Mandou aplicar à pobre menina água do Santuário da Fátima. Coisa extraordinária. Nesse mesmo dia a doentinha, com insónias de cinco dias, principiou a dormir. No dia seguinte levantou-se e dizia: «Que remédio santo aquele que a madrinha me mandou; não senti mais dores e comecei logo a desinchar».

Decorridos cinco dias foi com a madrinha à igreja, a quatro quilómetros de distância, agradecer a graça que Nossa Senhora da Fátima lhe alcançara.

D. Joana Angela Clemente dos Reis, do Pará, agradece, cheia de reconhecimento, uma graça alcançada em seu benefício, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Augusto José dos Reis e sua esposa D. Amélia Marques dos Reis, do Pará, vêm, cheios de reconhecimento, agradecer a Nossa Senhora da Fátima, duas graças alcançadas em seu favor. Tendo estado algum tempo doentes, encontram-se completamente bem, graças à Virgem Santíssima que os atendeu em suas preces.

D. Joana Angela Clemente dos Reis, do Pará, agradece, cheia de reconhecimento, uma graça alcançada em seu benefício, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Augusto José dos Reis e sua esposa D. Amélia Marques dos Reis, do Pará, vêm, cheios de reconhecimento, agradecer a Nossa Senhora da Fátima, duas graças alcançadas em seu favor. Tendo estado algum tempo doentes, encontram-se completamente bem, graças à Virgem Santíssima que os atendeu em suas preces.

D. Joana Angela Clemente dos Reis, do Pará, agradece, cheia de reconhecimento, uma graça alcançada em seu benefício, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Augusto José dos Reis e sua esposa D. Amélia Marques dos Reis, do Pará, vêm, cheios de reconhecimento, agradecer a Nossa Senhora da Fátima, duas graças alcançadas em seu favor. Tendo estado algum tempo doentes, encontram-se completamente bem, graças à Virgem Santíssima que os atendeu em suas preces.

D. Joana Angela Clemente dos Reis, do Pará, agradece, cheia de reconhecimento, uma graça alcançada em seu benefício, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria J. R. de Medeiros — Povoação.
D. Maria do Rosário Cardoso Pereira — Povoação.
D. Maria dos Prazeres Alves Pedroso — V. V. de Paranhos.
D. Maria da Conceição Gonçalves — V. V. de Paranhos.
D. Maria da C. Pereira Soares — Sábão.
D. Otília Adelaide Pires — Santa Marta.
D. Maria Gonçalves Rodrigues — Pôrto.
José Gaspár — Mondim-de-Basto.
D. Conceição de Jesus — Maçor-de-S.ª Maria.
D. Helena Plácido Negrão — Faro.
D. Maria Isabel Pinheiro Tóres — Pôrto.

José Meireles — Barcelos.
Manuel da Costa — Tagilde.
D. Francilina Franco da Silva — Setúbal.
D. Felicidade da Conceição Novais — Setúbal.
João Baptista Afonso Sousa — S.ª fins do-Douro.
D. Maria José Lourenço Falcão — Castelo-Branco.
D. Maria Bivar Xavier — Portel.
D. Cândida das Mercês Correia e Sousa — S. Miguel.
D. Maria das Dores Ramos — Monção.
D. Beatriz Lima — Entroncamento.
João Gomes da Silva — Ferreirinha — Gondomar.
D. Patrocínio Ferreira Mourão — Tortozendo.

VOZ DA FATIMA

Despesas	
Transporte	2.321.186\$67
Papel comp. e impr. do n.º 234	22.105\$35
Franq. Emb. Transporte do n.º 234	6.018\$68
Na Administração	211\$00
Total	2.349.521\$70

Donativos desde 15\$00

D. Josefina do Vale, Prado-Tomar, 20\$00; D. Lucinda das Neves, Parede, 20\$00; D. Alice Namorado Riques, Aviz, 20\$00; D. Lucinda Guerra, Moncorvo, 20\$00; D. M. Eduarda P. Magalhães, Travanca, 30\$00; D. Helena de Magalhães, Armamar, 30\$00; D. Glória Esquivel, Mourão, 20\$00; D. M. Clementina Carvalho, Campo de Ourique, 50\$00; Anónimo de Olêdo, 20\$00; D. Maria do Carmo Leacoste, S.ªhoane, 50\$00; D. M. da Encarnação Henriques, Mafra, 60\$00; D. Ana Alves, Macedo de Cavaleiros, 35\$00; Ir. Isabel do Sagrado Coração, Landana, 145\$00; João Nunes de Matos, Vila de Rei, 20\$00; António Lopes Leal, Cadaval, 20\$00; Rev.º Luís da Assunção Janela, Angra, 20\$00; Victor de Sousa Cordeiro, S.ª Maria, 20\$00; D. Joana Angela dos Reis, Pará-Brasil, 20\$00; Augusto José dos Reis, ibidem, 30\$00; Porfirio Alves, Lisboa, 20\$00; D. M. Ermelinda das Dores, Lourinhã, 25\$00; D. Catarina Sant'Ana Marques, Elvas, 20\$00; D. Natália Silva, Carrico, 20\$; D. Raquel Gardona, Angola, 50\$00; P.º Horácio Matias de Sousa, Matança, 47\$00; D. Maria Almeida, Mirandela, 20\$00; D. Luísa de Albuquerque, Lisboa, 20\$00; D. Cecília de Lacerda Correia, Viseu, 20\$00; D. M. da Conceição Marques, Estarreja, 20\$00; P.º António Joaquim Fernandes, Fornos-de-Algodres, 40\$00; D. Palmira Costa e Silva, Lisboa, 20\$00; D. Adozinda da Silva, Alcaíns, 50\$00; D. Maria José Pereira Botto, Lisboa, 20\$00; José Peralta Silva, Costa do Valado, 50\$00; Br. José L. Mendes Pinheiro, F. da-Foz, 100\$00; António Martins Morgado, Proença-a-Nova, 20\$00; D. Octávia Maria Garcia, Coimbra, 50\$00; D. Maria Filipe Príncipe, Xabregas, 20\$00; D. Conceição Pereira Caupers, Lisboa, 15\$00; D. Maria de Nazaré Paulo, Gois, 40\$00; D. Laura Coelho da Mota, Rio-Pinto, 20\$00; D. Laurinda, Marques, Lisboa, 20\$00; D. Maria Garcia, Cantanhede, 20\$00.

MADRINHAS

Muito obrigada, minha Senhora... Nosso Senhor lhe veja dar e lhe deixe criar a sua filhinha para bem...

Recolhendo no miserável bôlso a esmola — um escudo reluzente como a sua mão descarnada poucas vezes recebia — e a velhinha envolvia num olhar de admiração e reconhecimento a luxuosa Senhora e não menos luxuosa pequenita que caminhava a seu lado.

— Não é minha filha, minha afilhada apenas — disse a senhora, sorrindo.

E como a pequena corresse para um grupo de crianças que avançava em sentido contrário, de regresso da escola, acrescentou:

— É filha de uma criada, mas quero-lhe na verdade como se fosse minha filha...

— Filha de uma criada! — exclamou a pedinte esbugalhando os olhos e voltando a cabeça a mirar a pequena, de casaco de veludo guarnecido de pele. Filha de uma criada! Pois, minha rica bemeiteira, mais uma coisa lhe desejo: que nunca tenha de arrepender-se de ter tirado essa criança do seu meio... E, a ela, que... depois de tantos mimos e conforto, como eu também tive, nunca chegue a este estado, nem passe sequer metade das amarguras por que eu tenho passado...

— Madrinha! — gritava no entretanto a pequena. Deixe-me ir com estes meninos para o Jardim Botânico! Está lá a mãe à espera deles e ficam lá a brincar toda a tarde! Deixa, pois, deixa?...
— Mas a visita que eu queria fazer contigo?...

— Ora, visitas! Que maçada! Eu bem sei que a madrinha deixa... Pronto! Então até logo!...

E, sem esperar mais autorização, meteu-se entre as outras crianças e seguiu com elas, acenando à madrinha com gesto e riso gaiatos.

Sob o olhar penetrante da velha, a senhora corou como se aquela súbitamente encarnasse a sua consciência que mais de uma vez tentara já manifestar-se-lhe. Um movimento de mau humor fez-lhe aitar o busto, mas disse com brandura:

— Venha comigo... moro aqui perto. Quero dar-lhe alguma coisinha quente... o tempo vai ainda tão frio... E, depois, queria que me contasse a sua história. Uns com os outros, sempre temos que aprender — acrescentou pensativa.

— É assim mesmo, minha boa senhora; aprender até morrer!

Muito simples afinal, a minha história — dizia a pobrezinha poisando a chicara de café com que terminara a lauta refeição que lhe fora servida pela própria dona da casa e na sua salinha de trabalho. E se a senhora queria uma coisa nova, olhe que está muito enganada. O que me sucedeu, a mim, é o que, na maioria dos casos sucede a aqueles — e mais ainda a aquelas — que o amor e hábito ao luxo levam a sentir vergonha do seu nascimento humilde...

Sem poder reprimir um sobressalto, a senhora ergueu-se e foi fechar a porta que dava para o quarto de costura no qual se encontrava passando a mãe da afilhada.

— Mas conte... Vamos!

— Minha mãe era também criada de servir e, na casa para onde veio depois de viúva e trazendo-me de três anos de idade — casa que ela tinha servido em solteira também — ganharam-me tal amor e deram-me tais mimos que ninguém dizia que eu não era filha dos donos da casa.

Nosso Senhor os tenha em descanso e lhes tenha há muito perdoado — como eu lhes perdoo — o mal que me fizeram querendo-me fazer bem. Minha mãe sofreu horrores comigo porque eu desprezava-a! Sim!... Toda a minha preocupação era evitar que me vissem na sua companhia, que soubessem que ela era minha mãe e não minha criada! Ela comia na cozinha e eu comia com os patrões. Ela saía a pé às compras, vindo por vezes carregadíssima, e eu mais a minha ma-

drinha — que o foi do crisma — por quaisquer pequenos embrulhos tomávamos logo um taxi... Minha pobre mãe... Já eu era bem crescida e com bom corpo, ficava ela e engomar ou a coser até altas horas enquanto eu ia para o teatro ou o cinema... De repente tudo mudou. Minha madrinha morreu e o marido, desgostoso, abalou para o estrangeiro deixando-nos contudo, a minha mãe e a mim, uma pensãozinha que chegaria bem se eu tivesse sido habituada a trabalhar... e tivesse tido juízo. Um excelente rapaz, ainda nosso parente, propôs-me casamento... Mas poderia eu casar com um operário quando eu brincara, estudara e me divertira — de toda a maneira — com filhas e filhos da gente da alta?... O «não» que eu dei a esse rapaz foi como que um castigo ao meu orgulho, da Providência que assim me estendia a sua mão salvadora. Dai para cá — e a pobrezinha, soluçando, mal podia agora articular palavra — nem sei dizer-lhe... Olhe, ponha a senhora na sua ideia... o que houver de mais triste... ah... e de mais indigno...

Dias depois a velhinha dava entrada num asilo onde nada lhe faltaria — nem para o corpo nem para a alma — afim de acabar tranquilamente os seus dias. E a bondosa senhora que lhe alcançara tal benefício ia ponderando na lição que recebera, mas a sua fraqueza pela afilhada — como acontece a tantas madrinhas e a tantas mães não lhe permitia tomar qualquer resolução a sério.

Uma tarde, em que, inesperadamente, entrava em casa, ouviu uma alteração na cozinha e logo a voz da afilhada que se salientava:

— Já lhe disse! Não quero que me trate por tu! Se sabe que eu embirro com isso, porque é que há-de teimar? — Oh! filha!... filha... — protestava a mãe toda chorosa.

— Qual filha! A minha mãe é a minha madrinha! — retorquiu a pequena. Essa, sim, essa é que é minha amiga, que me faz todas as vontades! Do resto... quero cá saber!

Muito pálida e trémula, a madrinha estava entre portas. Deteve-se uns instantes, como que paralizada pelo espanto — talvez pelo remorso — mas logo, tomando a pequena por um braço e fazendo-a ajoelhar em frente da mãe, ordenou-lhe:

— Pede já perdão à tua mãe, andá... Pede-lhe também que te meta numa mala a roupa mais simples que tiveres para hoje dares entrada num colégio! E não penses que é um colégio de meninas ricas! Não! Há de ser um colégio onde se aprenda a trabalhar e a honrar aqueles que trabalham — seja lá quem for, quanto mais se for a nossa mãe!

M. de P.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE MARÇO	
Algorve	5.371
Angra	20.251
Aveiro	7.947
Beja	3.346
Braga	79.302
Bragança	12.135
Coimbra	13.724
Évora	4.577
Funchal	13.589
Guarda	18.615
Lamego	11.656
Leiria	13.923
Lisboa	12.185
Portalegre	11.685
Pôrto	51.430
Vila-Real	23.601
Viseu	9.567
Total	312.904
Estrangeiro	3.447
Diversos	10.609
Total	326.960

Este número foi visado pela Censura

Como havemos de celebrar o duplo jubileu, de Fátima e do Papa

Para dar certa uniformidade às comemorações jubiliares das aparições de Fátima e do episcopado do Sumo Pontífice, estabelecemos as seguintes normas:

a) Como preparação para a solenidade do dia 13 de Maio, em todas as freguesias, e dentro de cada uma delas nas igrejas e capelas onde isso seja possível, haverá na semana que vai de 3 a 10 de Maio pregação em forma de missão, pelo menos nos últimos três dias.

b) No dia 10 de Maio, que é domingo, far-se-á nas mesmas igrejas uma função piedosa que constará pelo menos de missa rezada (e bom seria que fosse cantada) com comunhão geral e uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento solenemente exposto e oração pela paz e pelo Papa.

c) Nesse mesmo dia 10, celebrar-se-á em todas as catedrais um Pontifical solene, que será a homenagem colectiva da respectiva diocese a Nossa Senhora da Fátima, e um Te-Deum em acção de graças pelo jubileu das aparições e pelo jubileu do Papa.

d) No dia 12 de Maio, à noite, grandiosa procissão de velas na Cova da Iria e em seguida adoração nocturna. Para desejar seria que o mesmo se fizesse nas paróquias onde isso fosse possível.

e) No dia 13 de Maio, solene Pontifical, celebrado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, com assistência de todo o Episcopado, na Cova da Iria, e no fim renovação da consagração nacional ao Imaculado Coração de Maria e preces solenes pela paz e pelo Papa.

f) Em dia que oportunamente será designado, realizar-se-á em Lisboa, capital do Império, um acto solene religioso e cívico com assistência de todo o Episcopado, como homenagem à Padroeira de Portugal e em acção de graças por ela se ter dignado visitar a terra portuguesa.

g) Nos dias 13 de Maio e de Outubro deste ano jubilar, repicar-se-á festivamente os sinos de todas as igrejas, pela manhã, ao meio-dia, e ao anoitecer.

h) Promovam-se onde isso seja possível, sempre sob a inspecção e direcção da autoridade eclesiástica, e com participação das autoridades e forças vivas locais, sessões solenes ou actos cívicos em comemoração das aparições de Fátima e como elementos de propaganda da mensagem de Fátima.

i) Promovam-se actos solenes de reparação, como procissões de penitência, Vias Sacras públicas, e outros actos piedosos de feição semelhante. Onde os Prelados entenderem por bem ordená-lo, promovam-se também peregrinações locais a Santuários de Nossa Senhora mais em evidência.

j) Dê-se à benemérita instituição dos Cruzados de Fátima a máxima expansão, imprimindo-se aos respectivos núcleos o carácter de associações piedosas paroquiais ou locais, com reuniões periódicas e actos colectivos de piedade.

k) Para mostrar a Nossa Senhora que o seu apelo não foi vão, convidem-se as senhoras e as meninas cristãs a constituir Ligas de modéstia, que serão como um protesto vivo contra o respeito humano, pelo compromisso que tomam de não usar, quer nos tempos normais, quer nos tempos de praias, determinados trajes que brigam com a modéstia cristã.

l) Ainda no mesmo intuito, os chefes de família tomem o compromisso, que por qualquer forma se torne público, de não frequentar e de não consentir que pessoas da sua família frequentem teatros ou cinemas

onde se representem cenas lúbricas ou por qualquer título imorais. Igual compromisso devem tomar, se desejam mostrar a sinceridade da sua devoção para com a Santíssima Virgem, as pessoas que, não sendo chefes de família (incluindo os jovens de ambos os sexos), prezem a sua dignidade cristã.

m) Como acto de mortificação e homenagem de compaixão para com os nossos irmãos torturados pela adversidade, muito para louvar seria que os bons católicos, de qualquer idade e condição, se privassem uma vez por outra, por exemplo, cada semana ou cada mês, de alguma diversão ou qualquer satisfação dispendiosa, destinando ao culto de Deus ou aos pobres o dinheiro que com isso houvessem de gastar.

n) Intensifique cada qual a sua vida de piedade, procure frequentar com mais assiduidade os sacramentos, assistir à missa em dias de semana, fazer visita a Jesus Sacramentado, rezar diariamente o terço, visitar os pobres e os presos, ouvir a palavra de Deus, em suma, reatar na vida o uso das práticas de piedade e das obras de misericórdia, que infelizmente andam tão esquecidas.

o) Para secundar a iniciativa romana de se erguer uma igreja a Santo Eugénio, em comemoração do jubileu do Papa, lembremos aos fiéis que seria muito louvável concorrerem com os seus donativos para este piedoso fim.

CRONICA FINANCEIRA

Entramos na margé dos racionamentos e, como sempre, tarde e a más horas. Era fatal que, mais tarde ou mais cedo, o racionamento de certos géneros se tornaria necessário para evitar males maiores. E sendo assim, é claro que se deviam preparar as coisas com a devida antecipação, isto é, que se devia preparar a complicada máquina dos racionamentos e pô-la a funcionar enquanto havia fartura, para que, chegado o tempo das vacas magras, já estivesse tudo a postos para fazer frente à situação. Quem vai para o mar prepara-se em terra, diz um rifão; mas nós, os portugueses, só nos lembramos de Santa Bárbara quando trovėja, acrescenta outro. E assim vamos vivendo, cai aqui, levanta acolá, sempre atrasados e pobres em relação aos outros povos europeus, mais previdentes e mais trabalhadores do que nós e por isso mesmo mais ricos e mais felizes, em tempos normais.

E como as coisas são o que são, ninguém espere que lhes venha dos outros aquilo que puder produzir dentro do que é seu.

É sabido que nos países excessivamente povoados como o nosso, há tendência geral para a produção quasi exclusiva de cereais. Essa tendência é manifesta na maior parte das províncias portuguesas, senão em todas elas. Onde a videira se dá, o lavrador cultiva pão e vinho; nos outros lugares, só trata do pão.

E este mal, como dizíamos, não é só de Portugal. Em Espanha atinge proporções muito maiores, pois que há léguas e léguas de campos de trigo, onde se não vê uma árvore, nem uma horta! Não há muito que um jornalista francês dizia que em Castela não vira uma única árvore, a não ser aquelas que Primo de Rivera mandara plantar de onde a onde na borda das estradas com que enriquecera aquelas regiões. O trigo começava rente às casas dos lavradores e estendia-se por planícies sem

Palavras de um médico

(2.ª série)

XX

N.ª Senhora da Fátima!

Há muitos anos, um excelente colega e amigo meu foi visitar um doente. A porta do quarto, chorosa, estava a espôsa a lamentar-se: «Que Deus cure o meu pobre marido!»

O meu colega, formalizado, perguntou: — «Ai, a senhora já tem outro médico? Faça o favor de escolher — ou Deus ou eu!»

Naquele tempo, havia muitíssimos médicos totalmente incrédulos: não acreditavam na Providência e, ao mesmo tempo, tinham fé supersticiosa no poder da sua arte.

Se ainda fôsse vivo aquele amigo, havia de lhe pedir que rectificasse a sua educação filosófica. Lembrar-lhe-ia que lesse o famoso sermão de S. Lucas, do P. António Vieira.

Saberia então que, andando Nosso Senhor Jesus Cristo pelo mundo, sarava instantaneamente os doentes, sem aplicar quaisquer medicamentos.

Mandava levantar paralíticos, aos cegos dava a vista e limpava os leprosos.

Ainda hoje, por intercessão de Nossa Senhora ou dos Santos, podem obter-se curas miraculosas. Carrel, um dos maiores sábios da actualidade, confirma a existência dos milagres de Lourdes. E não há muito que, na Cova da Iria, em frente da imagem de Nossa Senhora da Fátima, uma senhora pertencente a uma das mais distintas e mais conhecidas famílias do Porto sarou instantaneamente, depois de estar prostrada na cama, durante alguns anos, com uma lesão que a medicina reputava incurável.

São raros os milagres e não julguem os médicos que Deus lhes faz concorrência.

Abatam, pelo contrário, o seu orgulho e lembrem-se que é também pelo poder de Deus que se realizam as chamadas curas naturais. Foi Deus quem criou a medicina, foi Ele quem proporcionou ao médico os elementos para tratar as doenças.

O P. António Vieira compara o médico ao Querubim que estava de guarda ao Paraíso Terreal, e diz que a Árvore da Vida foi substituída pelas plantas medicinais e outros meios terapêuticos.

No meio do descalabro em que está o mundo, temos de voltar à fé dos nossos antepassados.

Há vinte e cinco anos, apareceu-nos Nossa Senhora da Fátima, Saúde dos Enfermos, Rainha da Paz.

Devemos todos pedir-lhe que cure os nossos doentes, ou por milagre, ou sugerindo aos médicos os elementos necessários para os curar, para aliviar os seus padecimentos, ou ao menos para os consolar nas suas dores.

Devemos todos pedir-lhe a paz na nossa consciência, a paz nas nossas famílias, a paz na nossa terra, a paz no mundo inteiro.

Nossa Senhora da Fátima, rogai por nós!

J. A. Pires de Lima

fim, cobrindo tudo, sem deixar espaço para mais nada. E o mesmo jornalista que de Espanha descera a Portugal, tecia os mais rasgados elogios à pluralidade das nossas culturas.

Pois bem, é da maior vantagem para os tempos calamitosos que vão correndo, que essa pluralidade de culturas se torne ainda maior. Em o nosso último artigo, recomendámos a cultura do linho; neste vamos recomendar a cultura das hortaliças.

Nos países assolados pela guerra, a hortaliça está sendo o único dos alimentos que não é racionado e que portanto se pode comer à vontade. É com hortaliça que os povos enchem a barriga, porque o resto não chega para a cova dum dente... O lavrador deve desenvolver as culturas hortícolas porque, logo que o pão seja racionado a sério e se tenha de comer por conta, o consumo de hortaliças sobe e a sua utilidade e preço subirão também.

Lavrador amigo: quem vai para o mar, prepara-se em terra.

Pacheco de Amorim

PALAVRAS MANSAS

JORNADA SANTA

Na visitação de Nossa Senhora a Lisboa há-de ir também a Voz da Fátima. Iremos todos — colaboradores, assinantes, leitores, propagandistas, cruzados... Pelo menos, na intenção, no desejo e no amor! É tão doce servi-la! É tão edificante acompanhá-la!

Mas, como na devoção popular, a Voz da Fátima fará a romaria sem fala. Silêncio, contemplação, humildade... De S. José, que fez a Maria a mais pura e santa das companhias, também não ficou no Evangelho uma só palavra que ele dissesse na visitação a casa de Isabel ou no caminho para o desterro, no Egito!

Silêncio, contemplação, humildade...

A quem compete falar é à imagem de Nossa Senhora da Fátima. Envolvida durante anos na luz de tantos olhos, no fervor de tantas orações, no perfume de tantas flores e no clarão de tantos milagres, por todo o santo caminho, ela há-de dizer coisas que se ajustem bem à fé, à piedade e ao alvoroço das almas.

Desenhada pela memória dos pastores, iluminada ainda pelas visões riosas, todos há-de reconhecer e sentir que o seu rosto, o seu vestido, a sua atitude vão repetindo com a doçura toda maternal, penetrante, a divina e resgatadora mensagem...

A imagem de Nossa Senhora é que compete falar. A todos! Até não-de escuta-la atentamente os que, pela vida fora só têm ouvido a voz do interesse, da ambição, da vaidade e do prazer. Voz dum carinho novo e consolador, a lembrar-lhes os dias risonhos e distantes em que ouviam com amor a voz das mães...

Será ouvida por mais que repiquem os sinos, em que Veuillot no seu tempo via a telegrafia da Igreja e por-mais que a multidão clame suplicante: — Nossa Senhora da Fátima rogai, rogai por nós! Há vozes orientadoras que o próprio fragor das tormentas não consegue inteiramente abafar...

Será ouvida por todos a imagem preciosa e inspirativa, em que há feições e traços cujo modelo veio de mais alto do que a luz das estrelas.

Depois de narrar um destes factos providenciais, que, no dizer de Churchill se plasmam a si mesmos, — sem razão humanamente bastante, um grande orador francês, num movimento oratório dominador e empolgante, dizia: — A justiça de Deus! Deixai passar a justiça de Deus!

Estou certo de que, a caminho de Lisboa, não será preciso dizer: —

Deixai passar a Senhora da Fátima e, com Ela, a misericórdia de Deus sobre a terra portuguesa!

A multidão que, neste ou naquele passo, a saúda com verdes, flores, lençóis a acenar, aclamações fervorosas, sabe que, mais além, outra multidão fremente espera vê-la e ouvi-la.

— Vinde a mim, vinde a Jesus! E Nossa Senhora passará, fazendo bem, por entre rosas e almas...

Antigamente a sua imagem, tão querida e tão venerada adentro da nossa terra, ia, nos balsões, para as batalhas e, nas naus, para as descobertas, a prometer a vitória e a dizer o caminho... Agora vai da Fátima a Lisboa presidir a um Congresso, que há-de ter uma funda repercussão na vida religiosa e social da nossa terra.

Calá-se o pessimismo amargo do velho que clama no Restelo; sorri-se, o Tejo que chora pelos heróis do império prodigioso, saúda a Torre de Marfim, o castelo renovado, passa pela alma das muitas e desvairadas gentes alguma coisa de puro, pacificador, suave e doce... Ressurgem as Côrtes da Restauração, para ajoelhar comovidamente diante da Padroeira...

Nossa Senhora da Fátima em Lisboa!

Para a juventude católica feminina que honra e que responsabilidades!

O congresso vai marcar indelévelmente uma data na vida religiosa do país, mas só terá direito a lembrá-la as jovens que assistirem nele com a sua consciência cristã e não apenas com a sua curiosidade e a sua alegria irrequieta e vivaz.

Os discursos devem ser feitos de verdades que se não esqueçam, de afirmações que se não quebrem e de promessas a que se não falte.

Todas devem ouvir Nossa Senhora, porque a pureza, o recato, a modéstia, a disciplina, a abnegação, a piedade são virtudes duma importância vital que Ela ensina com a luz da sua graça e o sol do seu exemplo.

Torre de marfim, Estrêla da manhã, Casa de ouro, Vaso espiritual, Rainha das virgens, Rainha imaculada, Rainha da paz — devem ser as invocações, as estrêlas do Congresso. Há três fraquezas, dizia Lacordaire, que valem na Igreja por três forças perfeitamente invencíveis: — são as crianças, os pobres e as mulheres. Pois bem; prometam os congressistas firmemente, resolutamente, com a alma toda, a Nossa Senhora da Fátima que em Portugal há-de continuar a ser assim.

Correia Pinto

II CONGRESSO NACIONAL DA J. C. F.

Jamais se ouviu dizer de mais esplendorosa manifestação em terras de Santa Maria, qual a que as raparigas da Juventude Católica Feminina fazem em honra da Nossa Senhora do Rosário da Fátima nestes dias 9, 10, 11 e 12 do corrente, para festejar o aniversário benedito da Sua descida à Cova da Iria, da Sua mensagem de amor à terra portuguesa!

E os portugueses devotos e agradecidos acorrem de perto e de longe a prostrar-se piedosamente aos pés da Mãe carinhosa que, sobre a nossa querida Pátria, tem estendido o seu manto de paz a preservar-nos dos inconcebíveis horrores e malefícios da guerra.

Até a natureza vem jubilosa-mente associar-se à nossa filial e festiva homenagem ostentando e suas galas, desenrolando os seus primores: toucam-se as árvores de flores mais belas e víscas, de alcatifam-se os campos de matiz mais primorosos, e as avezinhas modulam e afinam melhor as suas melodias prontas a entoar hino formoso de acção de graças à Rainha do Céu.

O firmamento arqueja-se mais etereamente azul sobre Portugal e do azul do céu e do azul do manto da Virgem teceram as ra-

parigas as suas blusas azuis... para formarem cortejo triunfal à veneranda imagem que da Capelinha das Aparições é piedosamente levada à capital do Império.

Bem alta e bem viva se atela por esse Portugal fora a chama do entusiasmo pelo nosso Congresso, e mais alta e mais viva se atela a chama da devoção e do amor a Maria Santíssima, Padroeira da nossa Terra, modelo benedito da mulher cristã.

É este santo modelo que as raparigas portuguesas irão contemplar com o coração mais recolhido e atento, procurando meditar e imitar as suas excelsas virtudes.

Senhora da Fátima, Mãe nossa e nossa excelsa Padroeira, modela nas vossas mãos benditas o coração da mulher portuguesa e cristã. Formal-o na escola do vosso amor, ensinai-lhe a vossa lição de pureza, de sacrifício, de abnegação e de humildade. Insuflai nele os mais nobres e elevados sentimentos, aqueles sentimentos e virtudes que adornaram uma Filipa de Vilhena ou uma Isabel de Aragão que tanto serviram e honraram a nossa Pátria e amaram e glorificaram a Deus.

MOSS